

“EU BRINCO DE BONECAS COM A MINHA IRMÃ”: UMA REFLEXÃO ACERCA DAS ALIANÇAS DE GÊNERO ENTRE ESTUDANTES

Eixo Temático 14 – EXPRESSÕES DE GÊNEROS E SEXUALIDADES NO ESPAÇO DA ESCOLA

Rachel Pulcino ¹
Felipe Bastos ²
Orientador: Anderson Ferrari³

RESUMO

O presente texto busca analisar uma cena presenciada durante as aplicações de questionários no âmbito de uma pesquisa quantitativa realizada em escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. A cena escolhida para análise neste artigo se refere a um diálogo travado entre os estudantes do segundo segmento do Ensino Fundamental, que comentavam os itens do questionário, trazendo à tona movimentos em que evidenciam as percepções de preconceitos baseados em gênero e sexualidade entre os estudantes. Ao refletir se os meninos podem ou não brincar de boneca, ideia contida em um item do questionário, a cena que se transcorre entre os estudantes traz para reflexão as possibilidades de resistência quanto à construção do estereótipo de gênero por meninos.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Ensino Fundamental; Heteronormatividade.

INTRODUÇÃO

Os casos de violência com base nas identidades sexuais e de gênero seguem como realidade no cotidiano de muitas escolas da Educação Básica. O que leva os jovens a perseguirem – seja psicologicamente ou fisicamente – aquelas e aqueles

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, rachelpulcino@gmail.com;

² Professor do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF e doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, felipe.bastos@ufjf.br.

³ Doutor em Educação e professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, anderson.ferrari@ufjf.br.

marcados por identidades subalternizadas, como no caso das mulheres, dos gays, das lésbicas ou das travestis no ambiente escolar? Quais relações se estabelecem entre climas escolares menos ou mais preconceituosos e discriminatórios com a aprendizagem e o desempenho escolar destes jovens? Tais questões foram levantadas pelos autores do presente texto ao longo das nossas pesquisas de doutoramento, mas que carregamos enquanto problemas refletidos cotidianamente em nossa atuação na Educação Básica.

O presente texto explora partes das nossas teses, que se entrelaçaram por uma pesquisa maior, interinstitucional, que ocorreu entre 2014 e 2017. Estamos nos referindo à pesquisa “Como preconceitos e discriminações impactam a aprendizagem? Um estudo longitudinal com estudantes do Ensino Fundamental”, coordenada pelo professor Marcelo Andrade, da PUC-Rio, mas articulada com pesquisadoras/es da UNIRIO, UFRJ e da UERJ, instituições públicas de ensino superior do Estado do Rio de Janeiro. Essa pesquisa maior buscava articular as relações entre as práticas pedagógicas, os processos de ensino e aprendizagem e as políticas de avaliação em larga escala no que tange a situações de preconceito e discriminação no cotidiano escolar. Um trabalho possível a partir da confluência intelectual do nosso grupo de estudos, o GECEC⁴, que acumulou produções e amadureceu a necessidade de se entender o desenvolvimento do preconceito e da discriminação no ambiente escolar.

O questionamento acerca dos preconceitos e das discriminações na escola parte em primeira instância de uma compreensão da diversidade como potência da experiência subjetiva e do cotidiano escolar, mas como também da crítica dos pensamentos internalizados e das naturalizações que constroem discursos/práticas que identificam e tipificam as identidades, em nosso foco de análise, de gênero e sexuais como desviantes, problemáticas e anormais.

Tal como Guacira Lopes Louro (2007, p. 238), para quem a escolha teórica e política que vem empreendendo “tem me levado a desconfiar das certezas definitivas, tem me obrigado a admitir a incerteza e a dúvida”, assumimos a interrogação como ponto de partida na construção das nossas pesquisas. É da inquietação diante do preconceito e das reproduções de discursos que naturalizam estereótipos e discriminações que construímos nossas pesquisas, como parte de um esforço coletivo –

⁴ Grupo de Estudos sobre o Cotidiano, Educação e Culturas, PUC-Rio.

somado a outras investigações – que visa contribuir para a compreensão dos problemas sociais presentes dentro dos espaços escolares.

Partimos da reflexão de Joan Scott (1995) ao afirmar que as relações de gênero são constitutivas dos sujeitos e estão imersas em relações de poder. Entendemos o gênero como uma produção social e performática, feita a partir de características físicas e/ou biológicas presentes nos corpos, que constroem e organizam sentidos do que é ser homem e ser mulher (BUTLER, 2013). Assim como o gênero, a sexualidade também está atrelada aos processos de constituição dos sujeitos, sendo relacionada a práticas afetivas, aos prazeres e a produção das identidades inscritas nos corpos.

As produções identitárias sobre os gêneros e as sexualidades, agem de modos normativos, gerando discursos/práticas de regulações e produzindo um modelo de compreensão heteronormativo, situando o ideal de gênero e sexualidade numa matriz heterossexual, demarcando os corpos e sujeitos que escapam dessa norma como anormais e/ou desviantes. Assim, pensar numa unidade idealizada ou em identidades fixas quando tratamos de experiências subjetivas dos gêneros e das sexualidades é assumir uma perspectiva limitante e que visa a regulação dos corpos inscritos na heteronormatividade.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada pretendeu acompanhar, através de respostas a questionários, um mesmo grupo de estudantes de Ensino Fundamental de dez escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, todas em uma mesma região geográfica, na Zona Sul do município. O instrumento central na formulação da base dados sobre a percepção de preconceito e discriminação pelos estudantes se deu através da aplicação de um questionário contendo com 92 questões. Para o presente trabalho, vamos dar ênfase às observações de campo geradas a partir da aplicação deste questionário em uma etapa da pesquisa longitudinal.

Dentre os 92 itens que compõem o questionário, 10 itens correspondem a crenças, atitudes, valores e comportamentos que expressam preconceito em relação às identidades de gênero, a partir do sexismo, e sexuais, com visões que refletem homofobia. Essas afirmações foram estruturadas em uma escala do tipo Likert, que correspondem a dois níveis de concordância (“concordo” e “concordo muito”) e dois níveis de discordância (“discordo” e “discordo muito”) em relação às afirmações. Como

o foco do presente trabalho se volta às observações de campo, e não das análises quantitativas geradas pela pesquisa, apresentamos, no Quadro 1, os 10 itens que criamos⁵ para indicar as frases que os estudantes, por vezes, discutiam com seus colegas no momento da aplicação do questionário.

QUADRO 1 – Itens sobre gênero e sexualidade da Pesquisa Longitudinal do GECEC
1*. As mulheres têm que cozinhar melhor que os homens.
6. Arrumar a cama e lavar a louça é coisa de menina.
7. Meninos podem brincar de boneca.
13. Meninas fazem os exercícios da escola com mais dificuldade.
15. Meninos devem cuidar mais da aparência do que as meninas.
20. O homem deve ser o chefe da família.
24. Meninas só podem namorar meninos.
35. Os meninos podem beijar seus amigos.
41. É natural que meninos saibam mais matemática que meninas.
42. Meninos têm que gostar das aulas de Educação Física mais do que as meninas.

* Os números se referem à posição dos itens no questionário.

Fonte: criação própria.

Buscamos construir frases assertivas, isto é, que fossem categóricas e mais diretas possíveis na afirmação ou negação de um preconceito. Isso ocorre porque o questionário foi pensado para ser respondido com a menor interferência externa possível na reflexão dos estudantes, ao menos no momento da sua aplicação. Contudo, os momentos em que eles interagiam entre si foram riquíssimos, gerando também dados para reflexão sobre o preconceito por sexismo e homofobia na escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa análise no presente artigo se refere a uma cena presenciada durante o trabalho de campo nas aplicações dos questionários de pesquisa. A cena escolhida para análise neste artigo se refere a um diálogo travado entre os estudantes, que comentavam os itens do questionário, trazendo à tona movimentos em que evidenciam as percepções de preconceitos entre os estudantes.

⁵ Cumpre registrar que pautamos as afirmações do questionário em um longo processo de estudos, iniciado pelo “Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e orientação sexual” (José MAZZON, 2009).

Um dos itens mais comentados pelos estudantes durante as aplicações foi a frase

“meninos podem brincar de bonecas”. Esta frase evoca uma imagem de gênero muito forte na construção das subjetividades masculinas infantis: a de que existem brincadeiras desautorizadas de acordo com o gênero da criança. Uma vez que as brincadeiras se constituem como momentos de socialização entre os jovens e sendo as bonecas artefatos para construção destas atividades, não haveria nenhum impedimento que justificasse uma criança não poder brincar com bonecas. A pluralidade das experiências escolares é imposta pelo gênero num binarismo que é tido como natural. Assim, a afirmativa foi construída com objetivo de demarcar uma fronteira entre idealizações performáticas de gênero, de modo que a boneca se constitui na infância e juventude como um símbolo promotor do gênero feminino. A concordância com a frase – isto é, de que meninos podem, sim, brincar de bonecas – poderia sinalizar visão menos normativa das relações de gênero entre os estudantes, ao passo que a discordância com ela poderia indicar maior adequação aos padrões e estereótipos de gênero presentes na sociedade.

Para além dos dados quantitativos gerados por esta frase do questionário, vamos evocar uma situação específica que se deu na fala de um menino que, ao responder ao questionário, foi interpelado por seus colegas por conta da sua resposta, concordando com a afirmativa em questão. Este estudante, que chamaremos aqui de Paul, ao ser questionado, respondeu aos colegas: “ué, eu brinco de bonecas com a minha irmã”.

Identificamos nesta cena duas situações que evidenciam práticas que reiteram a heteronormatividade na escola. A primeira se refere à prática de interdição provocada pela impossibilidade de que os meninos brinquem de boneca. Nesse caso, convém destacar que a interdição foi dada por meninos, que estabelecem a construção do gênero a partir das tradições lúdicas que marcam e diferenciam meninos de meninas. Evidenciamos, nos questionamentos levantados pelos colegas de Paul, um tom de repressão, uma interdição no qual eles, os meninos, indicavam que Paul havia ultrapassado uma fronteira referente aos padrões de gêneros, isto é, de que a constituição da masculinidade ocorre pelas diferenças nas brincadeiras e, nesse caso, as bonecas não seriam adequadas aos meninos.

Judith Butler (2014, p. 252) nos lembra que, diferentemente das regras ou das leis, as normas “opera[m] no âmbito de práticas sociais sob o padrão comum implícito da normalização”. Assim, entendemos que a interdição manifestada pelos outros

meninos da sala representa a inscrição das normatizações das relações de gêneros presentes no cotidiano escolar, operando como um sinalizador dos desvios da norma, mas também como uma ação reguladora, pois a interdição dos meninos gerou em Paul a necessidade de se defender diante da repressão.

O ato de interditar o outro diante de um desvio da heteronormatividade é uma ação que visa não apenas reprimir o indivíduo em questão, mas ela própria é também uma reafirmação e reiteração da normalização dos padrões de gênero. Para Berenice Bento (2011, p. 553), “essas infundáveis repetições funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para sua existência a crença de que são determinados pela natureza”. Isto é, a nomeação constante do que se espera para um menino ou para uma menina é, em si, práticas produtivas e reguladoras das normas de gênero.

O segundo ponto que essa cena específica evidencia é a resposta dada por Paul aos seus colegas. Paul justifica aos seus colegas que concorda que meninos podem brincar de boneca, já que ele, um menino, brinca com a sua irmã. Essa fala evoca a necessidade de Paul de se defender diante da acusação de transgressão, de modo que este estudante tenta, assim, se reinscrever na categoria “menino”, deturpada por seus colegas. É também importante que a própria justificativa trazida por Paul busca reinserir sua condição de menino: é sua irmã que brinca de boneca, Paul apenas brinca com sua irmã. Brincar de boneca com a irmã é diferente de brincar sozinho? Nesse sentido, é evidente que a construção da sua masculinidade, em viés heteronormativo, passa pela negação das feminilidades.

Processos heteronormativos de construção de sujeitos masculinos obrigatoriamente heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da feminilidade e da homossexualidade, por meio de atitudes, discursos e comportamentos, não raro, abertamente homofóbicos. (...) Para eles, o “outro” passa a ser principalmente as mulheres e os gays e, para merecerem suas identidades masculinas e heterossexuais, deverão dar mostras contínuas de terem exorcizado de si mesmos a feminilidade e a homossexualidade. (JUNQUEIRA, 2013, p. 485, grifos do autor).

Ao anunciar a brincadeira como parte da sua relação familiar, Paul tenta se proteger do reconhecimento entre seus colegas de que ele brinca com boneca não por se aproximar de uma feminilidade e, por tanto, de uma homossexualidade, mas por estar inserido na sua relação com sua irmã. Essa justificativa familiar, também pode ser interpretada como ação de desculpar-se pelo desvio, uma vez que a boneca representa um símbolo e uma fronteira das brincadeiras de meninas e de meninos.

A boneca, no universo das brincadeiras infantis, ocupa um lugar rejeitado pelos meninos, que constroem suas masculinidades nos limites da heteronormatividade. Ser masculino, neste sentido, é rejeitar tudo aquilo que representa dimensões idealizadas do feminino e a rejeição se dá através de “arsenal nada inofensivo de piadas e brincadeiras, um repertório de linhas de ação de simulação, recalque, silenciamento e negação dos desejos” (JUNQUEIRA, 2013, p. 485). O diálogo de Paul e seus colegas durante a aplicação dos questionários nos ajuda a refletir sobre a presença de discursos heteronormativos dentro do espaço escolar, buscando identificar caminhos possíveis para sua desconstrução no cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cena narrada traz para reflexão as possibilidades de resistência quanto à construção do estereótipo de gênero por meninos. Ainda que as justificativas trazidas pelo estudante busquem reforçar sua masculinidade perante seus amigos, consideramos a potência gerada tanto pelo atravessamento da expectativa de que meninos não concordariam com a frase, mas especialmente pelo embate que este estudante travou com seus colegas. Nos parece ser relevante a capacidade que as relações que se dão na esfera interpessoal têm de gerar dúvidas e reflexões entre meninos e meninas.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249-274, 2014.
- JUNQUEIRA, Rogério. Pedagogia do armário - a normatividade em ação. **Retratos da Escola**, v. 7, n. 13, p. 481-498, 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, p. 235-245, 2007.
- MAZZON, José A. (Coord.). **Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e orientação sexual: Relatório Analítico Final**. São Paulo: FIPE/MEC/INEP, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relatoriofinal.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2022.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**,
v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.